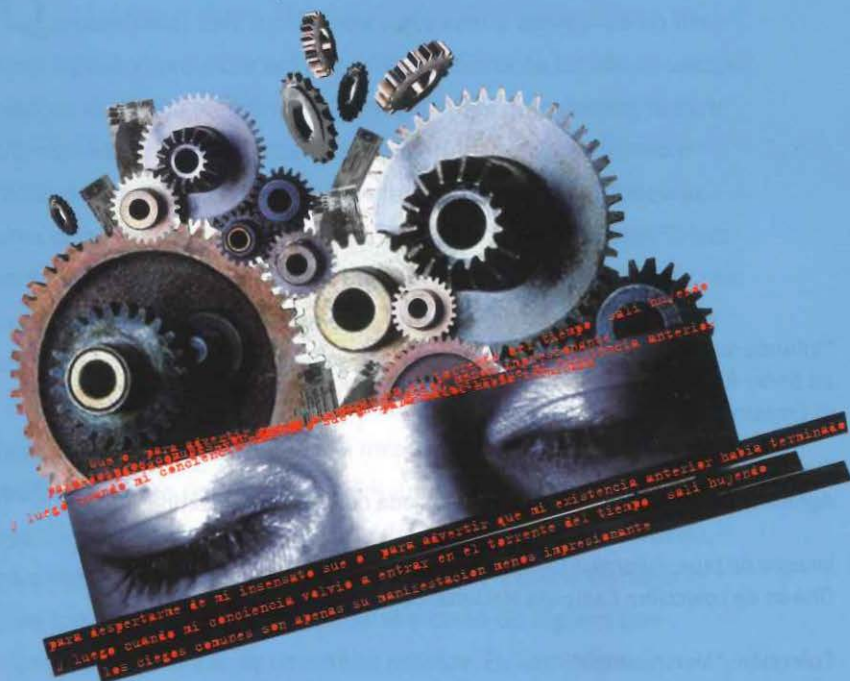


Foll
82/29715
1

Informe sobre ciegos

Ernesto Sabato



Mercosur lee

ARGENTINA

"Informe sobre ciegos" de Ernesto Sabato
en *Sobre héroes y tumbas*, Seix Barral 1998. Séptima edición argentina.
© Ernesto Sabato

Traducción al portugués: Laura Berchansky
Agradecemos la colaboración de la Embajada de Brasil en Argentina

Imagen de tapa: Georgina Campenni
Diseño de colección: Campaña Nacional de Lectura

Colección: "Mercosur lee"

Ministerio de Educación, Ciencia y Tecnología

Unidad de Programas Especiales

Campaña Nacional de Lectura

Pizzurno 935. (C1020ACA) Ciudad de Buenos Aires. Tel: (011) 4129 1075
campnacionaldelectura@me.gov.ar - www.me.gov.ar/lees

República Argentina, 2005

INFORME SOBRE CEGOS

ERNESTO SABATO

INV	029715
SIG	Fall 82
LIB	1

Quando começou isto que agora vai terminar com meu assassinato? Esta lucidez feroz que tenho agora é como um farol e posso aproveitar um intensíssimo fecho de luz até as vastas regiões da minha memória: vejo rostos, ratos num celeiro, ruas de Buenos Aires ou Argel, prostitutas e marinheiros; movimento o fecho de luz e vejo coisas mais distantes: uma fonte na fazenda, uma vergonhosa, pássaros e olhos que furo com um prego. Talvez tenha começado aí, mas quem sabe: pode ser muito mais atrás, em épocas que agora não me lembro, em períodos muito remotos da minha primeira infância. Não sei. Além disso, que importa?

.... Lembro perfeitamente, entretanto, o início da minha pesquisa sistemática (a outra, a inconsciente, talvez a mais profunda, Como posso saber?). Foi um dia de verão do ano de 1947, ao passar em frente à Praça de Maio, pela rua San Martín, na calçada da Prefeitura. Eu estava absorto, quando de repente ouvi uma campainha, uma campainha como de alguém que quisesse me acordar de um sonho milenar. Eu caminhava, enquanto ouvia a campainha que tentava penetrar no recôndito mais profundo de minha consciência: eu a ouvia mas não a escutava. Quando, de repente, aquele som tênue mas penetrante e obsessivo pareceu tocar alguma parte sensível de meu sêr, um desses lugares em que a pele do sêr é finíssima e de sensibilidade

anormal: e acordei sobressaltado, como ante um perigo repentino e perverso, como se na escuridão tivesse tocado com as minhas mãos, a pele gelada de um réptil. Diante de mim, enigmática e dura, encarando-me, vi a cega que alí vende quinquilharias. A campainha não tocava mais; como se a tivesse tocado apenas para mim, para me acordar do meu insensato sono, para advertir-me de que minha existência anterior havia terminado como uma estúpida etapa preparatória, e que agora deveria me defrontar com a realidade. Imóvel, com seu rosto abstrato dirigido a mim, e eu paralisado como por uma aparição infernal mas frígida, ficamos assim durante esses instantes que não fazem parte do tempo mas que dão acesso à eternidade. E depois, quando minha consciência voltou a entrar na torrente do tempo, fugi.

..... Desse modo, começou a etapa final de minha existência.

..... A partir daquele dia compreendi que não era possível deixar transcorrer nem mais um instante e que deveria iniciar já a exploração daquele universo tenebroso.

..... Passaram-se vários meses, até que num dia daquele outono aconteceu o segundo encontro decisivo. Eu me encontrava em plena pesquisa, mas meu trabalho estava atrasado por uma inexplicável inércia, que agora penso que era, certamente, uma forma ilusória do pavor ao desconhecido.

..... Não obstante, vigiava e estudava os cegos.

..... Sempre me havia preocupado e, em várias ocasiões, tive discussões sobre sua origem, hierarquia, maneira de viver e condição zoológica. Por aquele então, apenas começava a esboçar minha hipótese da pele fría e já havia sido injuriado por carta e de viva voz por integrantes das sociedades vinculadas ao mundo dos

cegos. E com essa eficácia, rapidez e misteriosa informação que sempre têm as sociedades e seitas secretas; essas sociedades e seitas que estão invisivelmente difundidas entre os homens e que, sem que saibamos e nem sequer suspeitemos, nos vigiam permanentemente, nos perseguem, decidem nosso destino, nosso fracasso e até nossa morte. O que acontece com a seita dos cegos, que, para maior desgraça dos inadvertidos têm a seu serviço homens e mulheres normais: em parte enganados pela Organização; em parte, como consequência de uma propaganda sentimentalista e demagógica; e, finalmente, em certa medida, por temor aos castigos físicos e metafísicos que se murmura que recebem os que ousam indagar seus segredos. Castigos que, digase de passagem, tive por aquele então a impressão de ter recebido, parcialmente, a convicção de que continuaria a recebê-los, de forma cada vez mais espantosa e sutil; o que, sem dúvida a causa do meu orgulho, não teve outro resultado que salientar minha indignação e meu propósito de continuar minhas pesquisas até as últimas instâncias.

..... Se fosse um pouco mais estúpido talvez poderia ter me gabado de confirmar, com essas pesquisas, a hipótese que desde moço tive sobre o mundo dos cegos, já que foram os pesadelos e as alucinações da minha infância que me trouxeram a primeira revelação. Depois, na medida em que fui crescendo, foi se acentuando minha prevenção contra esses usurpadores, espécie de chantagistas morais que, naturalmente, abundam nos subterrâneos, por essa condição que os torna aparentados com os animais de sangue frio e pele escorregadia que habitam em covas, cavernas, porões, antigas galerias, canos de esgoto, bueiros,

poços cegos, gretas profundas, minas abandonadas com silenciosas filtrações de água; e alguns, os mais poderosos, em enormes covas subterrâneas, às vezes à centenas de metros de profundidade, como se pode deduzir de informes equívocos e reticentes de espeleólogos e buscadores de tesouros; o suficientemente claros, não obstante, para os que conhecem as ameaças que pesam sobre os que tentam violar o grande segredo.

..... Antes, quando era mais novo e menos desconfiado, se bem que estava convencido da minha teoria, eu resistia a tentar prová-la e até mesmo a enunciá-la, porque esses preconceitos sentimentais que são as emoções demagógicas me impediam de atravessar as defesas levantadas pela seita, tanto mais impenetráveis como mais sutis e invisíveis, feitas de lemas aprendidos nas escolas e nos jornais, respeitados pelo governo e pela polícia, propagadas pelas instituições de beneficência, as senhoras e os professores. Defesas que nos impedem de chegar até esses tenebrosos subúrbios onde os lugares comuns começam a rarear mais e mais, e nos quais se começa a suspeitar a verdade.

..... Muitos anos tiveram de transcorrer para que eu pudesse ultrapassar as defesas exteriores. E assim, pouco a pouco, com uma força tão grande e paradoxal como a que, nos pesadelos, nos faz marchar em direção ao horror, fui penetrando nas regiões proibidas onde começa a reinar a obscuridão metafísica, vislumbrando aqui e ali, de início indistintamente, como fugitivos e equívocos fantasmas, depois com maior e aterradora precisão, todo um mundo de seres abomináveis.

.....Já contarei como alcancei esse pavoroso privilégio e como depois de anos de busca e de ameaças pude entrar no recinto

onde se agita uma multidão de seres, dos quais os cegos comuns apenas são sua manifestação menos impressionante.

II

Lembro muito bem aquele 14 de junho: dia frígido e chuvoso. Vigiava o comportamento de um cego que trabalha no metrô em Palermo: um homem baixo e atarracado, moreno, sumamente vigoroso e muito mal educado; um homem que percorre os vagões com uma violência apenas contida, oferecendo barbatanas, entre uma compacta massa de gente espremida. No meio dessa multidão, o cego avança violenta e rancorosamente, com uma mão estendida na qual recebe os tributos que, com sagrado receio, lhe oferecem os infelizes empregados de escritório, entretanto, na outra mão guarda as barbatanas simbólicas: pois é impossível que alguém possa viver da venda real dessas varetinhas, já que alguém pode necessitar um par de barbatanas por ano e até um por mês: mas ninguém, nem louco nem milionário, pode comprar uma dezena delas por dia. Desta maneira, como é lógico, e todo mundo assim o compreende, as barbatanas são meramente simbólicas, algo assim como a insígnia do cego, uma sorte de patente de pirata que os distingue do resto dos mortais, além da sua célebre bengala branca.

..... Vigiava, pois, o decorrer dos acontecimentos, disposto a seguir esse indivíduo até o fim para, finalmente, confirmar minha teoria. Fiz inumeráveis viagens entre a Plaza de Mayo e Palermo, tentando dissimular minha presença nos terminais, pois temia levantar as suspeitas da seita e ser denunciado como ladrão ou

qualquer outra idiotice semelhante, nos momentos em que os meus dias eram muito valiosos. Com algumas precauções, então, mantive contato próximo com o cego e, quando finalmente realizamos a última viagem da uma e meia da manhã naquele 14 de junho, me dispus a seguir o homem até sua guarida.

..... No terminal da Plaza de Mayo, antes que o metrô fizesse sua última viagem até Palermo, o cego desceu e se dirigiu para a saída, onde está a rua San Martín.

..... Começamos a andar, até a rua Cangallo.

..... Nessa esquina virou para “el Bajo”.

..... Tive de aumentar minhas precauções, pois na noite invernal e solitária não havia quase mais transeuntes que o cego e eu. Desta maneira decidi segui-lo a uma prudente distância, tomando cuidado pois o ouvido e o instinto deles os mantêm advertidos sobre os perigos que podem descobrir seus segredos.

..... O silêncio e a solidão tinham essa impressionante vigência que sempre tem a noite no bairro dos Bancos. Bairro muito mais silencioso e solitário, à noite, que qualquer outro; provavelmente pelo contraste, pelo violento cansaço dessas ruas durante o dia; pelo barulho, a inenarrável confusão, a pressa, a imensa multidão que se agita naquele lugar, durante as horas de escritório. Mas também, quase com certeza, pela solidão sagrada que prevalece nesses lugares, quando o dinheiro repousa. Depois que os últimos empregados e gerentes se retiraram, quando a tarefa esgotadora e absurda em que um pobre diabo que recebe cinco mil pesos por mês e manipula cinco milhões, e em que grandes multidões depositam com infinitas precauções pedaços de papel com propriedades mágicas, em que outras multidões retiram de outros

guichês com precauções contrárias. Processo todo fantasmagórico e mágico pois, apesar de que eles, os crédulos, acreditam serem pessoas realistas e práticas, aceitam esse papelucho sujo, onde, com muita atenção, se pode decifrar uma espécie de promessa absurda, em virtude da qual alguém que nem sequer assina de próprio punho se compromete, em nome do Estado, a dar não sei o quê ao crédulo, em troca do papelucho. E o curioso é que este indivíduo se conforma com a promessa, pois jamais ninguém, que eu saiba, tem reclamado para que se cumpra o compromisso; e ainda mais surpreendente, em lugar desses papéis sujos é entregue, geralmente, outro papel mais limpo, mas, ainda mais alocado, no qual outro senhor promete que, em troca desse papel, o crédulo receberá uma quantidade dos mencionados papeluchos sujos: algo assim como uma loucura ao quadrado. E tudo representando algo que ninguém jamais viu e que dizem está depositado em alguma parte, principalmente nos Estados Unidos, nas grutas de Aço. E que toda esta história é coisa de religião, ou indicam em primeiro termo palavras como créditos e confiança.

.**.... Dizia eu, pois, que esses bairros, ao serem privados da frenética multidão de crédulos, em horas da noite ficam mais desertos que nenhum outro, pois ali ninguém vive à noite, não poderia viver, em virtude do silêncio que domina e da terrível solidão dos enormes átrios dos templos e dos grandes porões onde se guardam os incríveis tesouros. Enquanto dormem, ansiosamente, com pílulas e drogas, atormentados por pesadelos de desastres financeiros, os poderosos homens que controlam essa magia. E também pela óbvia razão de que nesses bairros não há alimentos, não há nada que permita a vida permanente de

seres humanos, ou sequer de ratos ou baratas; pela extremada limpeza que existe nesses redutos do nada, onde tudo é simbólico e, além disso, de papel e, ainda, esses papéis, apesar de que pudessem representar algum alimento para traças e outros insetos pequenos, são guardados em formidáveis recintos de aço, invulneráveis a qualquer raça de seres viventes.

..... No meio, pois, ao silêncio total que impera no bairro dos Bancos, persegui o cego por Cangallo até “el Bajo”. Seus passos ressoavam surdamente e, a cada instante, iam adotando uma personalidade mais secreta e perversa.

..... Assim descemos até Leandro Alem e, depois de atravessar a avenida, nos dirigimos para a região do porto.

..... Aumentei minha cautela: por momentos pensei que o cego pudesse ouvir meus passos e até minha agitada respiração.

..... Agora o homem andava com uma segurança que me pareceu aterradora, pois rejeitava a trivial idéia de que não fosse realmente cego.

.... Mas o que me assombrou e aumentou meu temor é que, de repente, virasse novamente para a esquerda, na direção do Luna Park. E digo que me atemorizou porque não era lógico, já que, se esse tivesse sido seu plano desde o começo, então não haveria nenhum motivo para que, depois de atravessar a avenida, tivesse virado à direita. E como a suposição de que o homem tivesse errado o caminho era radicalmente inadmissível, devido à segurança e rapidez com que andava, restava a hipótese (temível) de que tivesse pressentido minha perseguição e que estivesse tentando me despistar. Ou, o que era infinitamente pior, tentando me preparar uma cilada.

INFORME SOBRE CIEGOS

ERNESTO SABATO

I

¿ **C**uándo empezó esto que ahora va a terminar con mi asesinato? Esta feroz lucidez que ahora tengo es como un faro y puedo aprovechar un intensísimo haz hacia vastas regiones de mi memoria: veo caras, ratas en un granero, calles de Buenos Aires o Argel, prostitutas y marineros; muevo el haz y veo cosas más lejanas: una fuente en la estancia, una bochornosa siesta, pájaros y ojos que pincho con un clavo. Tal vez ahí, pero quién sabe: puede ser mucho más atrás, en épocas que ahora no recuerdo, en períodos remotísimos de mi primera infancia. No sé. ¿Qué importa, además?

Recuerdo perfectamente, en cambio, los comienzos de mi investigación sistemática (la otra, la inconsciente, acaso la más profunda, ¿cómo puedo saberlo?). Fue un día de verano del año 1947, al pasar frente a la Plaza Mayo, por la calle San Martín, en la vereda de la Municipalidad. Yo venía abstraído, cuando de pronto oí una campanilla, una campanilla como de alguien que quisiera despertarme de un sueño milenario. Yo caminaba, mientras oía la campanilla que intentaba penetrar en los estratos más profundos de mi conciencia: la oía pero no la escuchaba. Hasta que de pronto aquel sonido tenue pero penetrante y obsesivo pareció tocar alguna zona sensible de mí yo, algunos de esos lugares en que la piel del yo es finísima y de sensibilidad anormal: y desperté sobresaltado, como ante un

peligro repentino y perverso, como si en la oscuridad hubiese tocado con mis manos la piel helada de un reptil. Delante de mí, enigmática y dura, observándome con toda su cara, vi a la ciega que allí vende baratijas. Había cesado de tocar su campanilla; como si sólo la hubiese movido para mí, para despertarme de mi insensato sueño, para advertir que mi existencia anterior había terminado como una estúpida etapa preparatoria, y que ahora debía enfrentarme con la realidad. Inmóvil, con su rostro abstracto dirigido hacia mí, y yo paralizado como por una aparición infernal pero frígida, quedamos así durante esos instantes que no forman parte del tiempo sino que dan acceso a la eternidad. Y luego, cuando mi conciencia volvió a entrar en el torrente del tiempo, salí huyendo.

De ese modo empezó la etapa final de mi existencia.

Comprendí a partir de aquel día que no era posible dejar transcurrir un solo instante más y que debía iniciar ya mismo la explotación de aquel universo tenebroso.

Pasaron varios meses, hasta que un día de aquel otoño se produjo el segundo encuentro decisivo. Yo estaba en plena investigación, pero mi trabajo estaba retrasado por una inexplicable abulia, que ahora pienso era seguramente una forma falaz del pavor a lo desconocido.

Vigilaba y estudiaba los ciegos, sin embargo.

Me había preocupado siempre y en varias ocasiones tuve discusiones sobre su origen, jerarquía, manera de vivir y condición zoológica. Apenas comenzaba por aquel entonces a esbozar mi hipótesis de la piel fría y ya había sido insultado por carta y de viva voz por miembros de las sociedades vinculadas con el mundo de los ciegos. Y con esa eficacia, rapidez y misteriosa información

que siempre tiene las logias y sectas secretas; esas logias y sectas que están invisiblemente difundidas entre los hombres y que, sin que uno lo sepa y ni siquiera llegue a sospecharlo, nos vigilan permanentemente, nos persiguen, deciden nuestro destino, nuestro fracaso y hasta nuestra muerte. Cosa que en grado sumo pasa con la secta de los ciegos, que, para mayor desgracia de los inadvertidos tienen a su servicio hombres y mujeres normales: en parte engañados por la Organización; en parte, como consecuencia de una propaganda sensiblera y demagógica; y, en fin, en buena medida, por temor a los castigos físicos y metafísicos que se murmura reciben los que se atreven a indagar en sus secretos. Castigos que, dicho sea de paso, tuve por aquel entonces la impresión de haber recibido ya parcialmente y la convicción de que los seguiría recibiendo, en forma cada vez más espantosa y sutil; lo que, sin duda a causa de mi orgullo, no tuvo otro resultado que acentuar mi indiganción y mi propósito de llevar mis investigaciones hasta las últimas instancias.

Si fuera un poco más necio podría acaso jactarme de haber confirmado con esas investigaciones la hipótesis que desde muchacho imaginé sobre el mundo de los ciegos, ya que fueron las pesadillas y alucinaciones de mi infancia las que me trajeron la primera revelación. Luego, a medida que fui creciendo, fue acentuándose mi prevención contra esos usurpadores, especie de chantajistas morales que, cosa natural, abundan en los subterráneos, por esa condición que los emparenta con los animales de sangre fría y piel resbaladiza que habitan en cuevas, cavernas, sótanos, viejos pasadizos, caños de desagües, alcantarillas, pozos ciegos, grietas profundas, minas abandonadas con silenciosas filtraciones de agua; y algunos, los más

poderosos, en enormes cuevas subterráneas, a veces a centenares de metros de profundidad, como se puede deducir de informes equívocos y reticentes de espeleólogos y buscadores de tesoros; lo suficiente claros, sin embargo, para quienes conocen las amenazas que pesan sobre los que intentan violar el gran secreto.

Antes, cuando era más joven y menos desconfiado, aunque estaba convencido de mi teoría, me resistía a verificarla y hasta a enunciarla, porque esos prejuicios sentimentales que son la demagogia de las emociones me impedían atravesar las defensas levantadas por la secta, tanto más impenetrables como más sutiles e invisibles, hechas de consignas aprendidas en las escuelas y los periódicos, respetadas por el gobierno y la policía, propagadas por las instituciones de beneficencia, las señoras y los maestros. Defensas que impiden llegar hasta esos tenebrosos suburbios donde los lugares comunes empiezan a ralearse más y más, y en los que empieza a sospecharse la verdad.

Muchos años tuvieron que transcurrir para que pudiera sobrepasar las defensas exteriores. Y así, paulatinamente, con una fuerza tan grande y paradójica como la que en las pesadillas nos hacen marchar hacia el horror, fui penetrando en las regiones prohibidas donde empieza a reinar la oscuridad metafísica, vislumbrando aquí y allá, al comienzo indistintamente, como fugitivos y equívocos fantasmas, luego con mayor y aterradora precisión, todo un mundo de seres abominables.

Ya contaré cómo alcancé ese pavoroso privilegio y cómo después de años de búsqueda y de amenazas pude entrar en el recinto donde se agita una multitud de seres, de los cuales los ciegos comunes son apenas su manifestación menos impresionante.

Recuerdo muy bien aquel 14 de junio: día frígido y lluvioso. Vigilaba el comportamiento de un ciego que trabaja en el subterráneo a Palermo: un hombre más bien bajo y sólido, morocho, sumamente vigoroso y muy mal educado; un hombre que recorre los coches con una violencia apenas contenida, ofreciendo ballenitas, entre una compacta masa de gente aplastada. En medio de esa multitud, el ciego avanza violenta y rencorosamente, con una mano extendida donde recibe los tributos que, con sagrado recelo, le ofrecen los infelices oficinitas, mientras en la otra mano guarda las ballenitas simbólicas: pues es imposible que nadie pueda vivir de la venta real de esas varillas, ya que alguien puede necesitar un par de ballenitas por año y hasta por mes: pero nadie, ni loco ni millonario, puede comprar una decena por día. De modo que, como es lógico, y todo el mundo así lo comprende, las ballenitas son meramente simbólicas, algo así como la enseña del ciego, una suerte de patente de corso que los distingue del resto de los mortales, además de su célebre bastón blanco.

Vigilaba, pues, la marcha de los acontecimientos dispuesto a seguir a ese individuo hasta el fin para confirmar de una vez por todas mi teoría. Hice innumerables viajes entre Plaza Mayo y Palermo, tratando de disimular mi presencia en las terminales, porque temía despertar sospechas de la secta y ser denunciado como ladrón o cualquier otra idiotez semejante en momentos en que mis días eran de un valor incalculable. Con ciertas precauciones, pues, me mantuve en estrecho contacto con el ciego y cuando por fin realizamos el último viaje de la una y media, precisamente aquel 14 de junio, me

dispuse a seguir al hombre hasta su guarida.

En la terminal de Plaza de Mayo, antes de que el tren hiciera su último viaje hasta Palermo, el ciego descendió y se encaminó hacia la salida que da a la calle San Martín.

Empezamos a caminar por esa calle hacia Cangallo.

En esa esquina dobló hacia el Bajo.

Tuve que extremar mis precauciones, pues en la noche invernal y solitaria no había más transeúntes que el ciego y yo, o casi. De modo que los seguí a prudente distancia, teniendo en cuenta el oído que tienen y el instinto que les advierte cualquier peligro que aceche sus secretos.

El silencio y la soledad tenían esa impresionante vigencia que tienen siempre de noche en el barrio de los Bancos. Barrio mucho más silencioso y solitario, de noche, que cualquier otro; probablemente por contraste, por el violento ajetreo de esas calles durante el día; por el ruido, la inenarrable confusión, el apuro, la inmensa multitud que allí se agita durante las horas de Oficina. Pero también, casi con certeza, por la soledad sagrada que reina en esos lugares cuando el Dinero descansa. Una vez que los últimos empleados y gerentes se han retirado, cuando se ha terminado con esa tarea agotadora y descabellada en que un pobre diablo que gana cinco mil pesos por mes maneja cinco millones, y en que verdaderas multitudes depositan con infinitas precauciones pedazos de papel con propiedades mágicas que otras multitudes retiran de otras ventanillas con precauciones inversas. Proceso todo fantasmal y mágico pues, aunque ellos, los creyentes, se creen personas realistas y prácticas, aceptan ese papelucho sucio donde, con mucha atención, se puede descifrar una especie de promesa absurda, en virtud de la cual un señor que ni

siquiera firma con su propia mano se compromete, en nombre del Estado, a dar no sé qué cosa al creyente a cambio del papelucho. Y lo curioso es que a este individuo le basta con la promesa, pues nadie, que yo sepa, jamás ha reclamado que se cumpla el compromiso; y todavía más sorprendente, en lugar de esos papeles sucios se entrega generalmente otro papel más limpio pero todavía más alocado, donde otro señor promete que a cambio de ese papel se le entregará al creyente una cantidad de los mencionados papeluchos sucios: algo así como una locura al cuadrado. Y todo en representación de Algo que nadie ha visto jamás y que dicen yace depositado en Alguna Parte, sobre todo en los Estados Unidos, en grutas de Acero. Y que toda esta historia es cosa de religión lo indican en primer término palabras como *créditos y fiduciario*.

Decía, pues, que esos barrios, al quedar despojados de la frenética muchedumbre de creyentes, en horas de la noche quedan más desiertos de gente que ningún otro, pues allí nadie vive de noche, no podría vivir, en virtud del silencio que domina y de la tremenda soledad de los gigantescos halls de los templos y de los grandes sótanos donde se guardan los increíbles tesoros. Mientras duermen ansiosamente, con píldoras y drogas, perseguidos por pesadillas de desastres financieros, los poderosos hombres que controlan esa magia. Y también por la obvia razón de que en esos barrios no hay alimentos, no hay nada que permita la vida permanente de seres humanos, o siquiera de ratas o cucarachas; por la extremada limpieza que existe en esos reductos de la nada, donde todo es simbólico y a lo más papeloso; y aun esos papeles, aunque podrían representar cierto alimento para polillas y otros bichos pequeños, son guardados en formidables recintos de

acero, invulnerables a cualquier raza de seres vivientes.

En medio, pues, del silencio total que impera en el barrio de los Bancos, seguí al ciego por Cangallo hacia el Bajo. Sus pasos resonaban apagadamente e iban tomando a cada instante una personalidad más secreta y perversa.

Así descendimos hasta Leandro Alem y, después de atravesar la avenida, nos encaminamos hacia la zona del puerto.

Extremé mi cautela: por momentos pensé que el ciego podía oír mis pasos y hasta mi agitada respiración.

Ahora el hombre caminaba con una seguridad que me pareció aterradora, pues descartaba la trivial idea de que no fuera verdaderamente ciego.

Pero lo que me asombró y acentuó mi temor es que de pronto tomase nuevamente hacia la izquierda, hacia el Luna Park. Y digo que me atemorizó porque no era lógico, ya que, si ése hubiese sido su plan desde el comienzo, no había ningún motivo para que, después de cruzar la avenida, hubiese tomado hacia la derecha. Y como la suposición de que el hombre se hubiera equivocado de camino era radicalmente inadmisibile, dada la seguridad y rapidez con que se movía, restaba la hipótesis (temible) de que hubiese advertido mi persecución y que estuviera intentando despistarme. O, lo que era infinitamente peor, tratando de prepararme una celada.

ERNESTO SABATO

Nació en Rojas, provincia de Bs. As (1912). Fue enviado a realizar sus estudios secundarios en el Colegio Nacional de La Plata.

Se doctoró en física en la Universidad de La Plata. Fue becado ese año para perfeccionarse en radiaciones en el Laboratorio Curie, de París, por la Asociación Argentina para el Progreso de la Ciencia. Trabajó en ese centro de investigaciones y luego prosiguió sus estudios sobre rayos cósmicos en el Massachusetts Institute of Technology de los Estados Unidos.

Sabato era un físico de gran porvenir, cuando un día decidió romper con la ciencia y entregarse a la literatura. El autor se ha lamentado de no haber tenido una formación clásica sistemática y de los años gastados en el ejercicio de la ciencia. Trabajó como profesor de Física en la Universidad Nacional de La Plata y en el Instituto Superior del Profesorado, y colaboró en la revista Sur, el diario La Nación y otras publicaciones. Actuó entonces como asesor de editoriales, asistente en París y Roma del comité ejecutivo de la Unesco, director de la revista Mundo Argentino y director de relaciones culturales del Ministerio de Relaciones Exteriores y Culto.

En mayo de 1984, Sabato recibió en Madrid, de manos del rey Juan Carlos de España, el Premio Miguel de Cervantes.

Ha escrito varios libros de ensayos sobre el hombre en la crisis de nuestro tiempo y sobre el sentido de la actividad literaria. Entró después en el campo de la ficción, *Sobre héroes y tumbas* (1961), su segunda novela, le granjeó consideración internacional. Luego de la guerra de Malvinas, el final de la dictadura y la elección democrática del gobierno, Ernesto Sabato es nombrado Presidente de la Comisión Nacional de Desaparecidos.

Fruto de las tareas de dicha comisión, nace el libro *Nunca más*, conocido como *Informe Sabato*. Actualmente vive en Buenos Aires.

Para seguir leyendo: *El túnel* (1945); *Uno y el Universo* (1946); *Hombres y engranajes* (1950); *Heterodoxia* (1953); *El escritor y sus fantasmas* (1963); *Abadón el exterminador* (1974); *Apologías y rechazos* (1979); *Páginas de Ernesto Sabato* (1983); *Antes del fin* (1999); *La resistencia* (2000); *España en los diarios de mi vejez* (2004).

Ejemplar de distribución gratuita. Prohibida su venta.



PRESIDENCIA *de la* NACIÓN

MINISTERIO *de*
EDUCACIÓN
CIENCIA *y* TECNOLOGÍA



Organización
de Estados
Iberoamericanos

Para la Educación,
la Ciencia
y la Cultura



Campaña Nacional de Lectura. Ejemplar de distribución gratuita. Prohibida su venta.